

SINOS
PARA OS
SUICIDAS

FERNANDO
CESÁRIO



Rio de Janeiro, 2024

AMOSTRA

*“Parece que, desde então, compreendi que o enredo
é o pretexto; e o essencial, a atmosfera.”*

Mário Quintana, *A vaca e o hipogrifo*

“O amor sobrevive.

E seremos talvez amor e morte ao mesmo tempo.”

Hilda Hilst

VERÁS QUE O GRANDE MONSTRO SE APRESENTA¹

A agonia, o baque no coração; parou-lhe o sangue nas veias, bambearam-lhe as pernas. No entroncamento das ruas Direita, Paraná e da Praça Reinaldo Alves de Brito, aquele homem à sua frente, risinho de quem não fazia a menor questão de disfarçar a insolência e o cinismo. Gelada, saliva ressequida, negava-se a enxergar a mão estendida em sua direção, agitando-lhe o envelope. As coisas, de súbito, perderam a conformação. Sons se apagaram, um silêncio de chumbo no infinito do mundo. À surdez, seguiu-se um zumbido agudo e penetrante; a voragem, a intermitência de brumas e névoas — névoas dos gêiseres —, não obstante também o suor, em bicas, anunciar-se pelo rosto e crânio. Os incidentes da vida circunjacente passaram a transcorrer numa espécie de atmosfera onírica. Círculos no campo perceptivo se expandiam e se contraíam, velozmente, enormes manchas de contornos não nítidos circungiravam num sentido e, a seguir, em direção contrária, uma bolha mexediça, tremulante.

¹ Os títulos dos capítulos foram extraídos dos poemas "Marília", de Tomás Antônio Gonzaga, e "Vila Rica", de Cláudio Manoel da Costa.

Ele retirou os óculos — o olhar perspicaz e penetrante, globos oculares imensos e ágeis, quais os de um falcão — e os prendeu entre as arcadas dentárias. Ela — é seguro supor — encontrava-se diante de alguém cujas lucubrações mais abismais e soturnas remetiam-na ao mesmo pavor de bom par de anos antes. (*Não é real, não está acontecendo.*)

Ao fim de algum tempo, ele dobrou a espinha numa espécie de gingado e, não imediatamente, não rapidamente, desceu a rua Paraná. Não se voltou para trás uma única vez; simplesmente se pôs em marcha.

Entregue ao seu ciclone interior, enquanto ia ganhando cor, Marília permaneceu imóvel no mesmíssimo ponto, sem lograr mover sequer os dedos dos pés. Seu sangue, no entanto, já circulava em velocidade vertiginosa, tanto quanto o ar, que lhe entrava no peito. Fitou, cheia de horror, a sobrecarta transferida às suas mãos. Deveria tê-lo rechaçado, gesticular uma recusa; não ter sido tão... tão passiva. Num instante, viu-se impelida a ir ao seu enalço e devolver-lhe aquilo, contudo, algo indizível e surpreendente a mantinha pregada ao solo. Um erro grave, um passo em falso! Aquilo fazia parte de um ardil qualquer e... Nenhuma dúvida acerca do que se achava lá dentro; o simples deslizar das polpas digitais denunciava o conteúdo: novas fotografias!

Quase sem piscar, perscrutava-o em meio aos claros-escuros dos espaços vagos e ao ardor, assistiu-o distanciar-se qual um desbotamento e uma frialdade, qual as manhãs de inverno que encerram o pico do Itacolomi, o

sinuoso das ruas da outrora Vila Rica. *Isso acontecer justamente comigo!?*, disse seu coração.

O veneno está sobre a mesa, foi a suposição que lhe atravessou o pensamento, uma fração de segundo após emergir do hipnotismo. Sacudiu, como num tique, os ombros, ou como se atravessada por extraordinário calafrio. *Armado?*

Tomás, balbuciou, passado o primeiro instante de estupor. Numa composição mental, Tomás viria e, ternamente, acolhedoramente, envolvê-la em seus braços, e avizinharia seu rosto terno; ela repousaria o queixo em seu ombro, ele lhe afagaria os cabelos, encostaria o rosto ao dela, transmitindo-lhe, mesmo que inconscientemente, mesmo que se recusasse a admitir, a terna sensação de fortaleza e resguardo. Abraçava-a uma simultaneidade de emoções quase diametralmente opostas: a vaga maciez e a dor, a aceitação e a rejeição, o sim e o não. Até a corrida do tempo se encontrava distinta.

Não!, o coração contraiu-se. Não devia cutucar as feridas. Recusava-se a trazer de volta lembranças que, achava, encontravam-se sepultadas.

Lá estava ele, sobre uma das pernas, a outra apoiada na quina do meio-fio, impassível, enganoso. Lá estava ele, cem passos adiante, sobre uma boca de lobo, um bueiro, fingindo que nada de sinistro se passara. Esmiuçava-o com as vistas, arrasada pelo grande redemoinho interno, aflitivamente aguardando que a comoção se dispersasse.

Marília, entreouviu. **Marília!** Em meio à náusea, os zumbidos contínuos, pouco a pouco, foram sendo redes-

cobertos. Girou, com ânsia — buscava retomar o fôlego, enquanto o burburinho das ruas reacendia. Ao redor, nenhuma fisionomia que lhe fosse familiar, nenhum colega de escola, por exemplo, que lhe pudesse vir em socorro, um aluno ao menos. Podia ser — parte de si pensou — que esgoelassem em seu favor, a fim de chamar a atenção dos circundantes acerca do que sucedia a ela.

Esbaforida, soltou um gemido, um soluço. Arriou os braços. Aquele, em definitivo, não era um espaço em que se considerava segura e confortável, malgrado transcorrido acima de um ano desde que para ali se mudara, um período de subidas e descidas, de contagem de luas e sóis, de testemunhar noites e noites de neblina e friagem, e dias assiduamente indistintos. Treze para catorze meses em que ansiava por apagar as labaredas, dissipar as dores. Ainda não conseguira estabelecer laços, laços humanos, queria dizer, e tinha suficientes razões para crer que isso jamais aconteceria. Ou se enganara, e as confissões e promessas se encontravam, dentro dela, tão somente silenciadas, antes de se prorromperem em gritos?

Sinos repicaram, e repicaram, longe, perto, agudamente, doridamente, e se afiguravam reverberar dentro dos miolos, na substância entre os dois ouvidos. Ouvia-os, incansáveis e sonantes (nas torres do Rosário, Pilar, que sabia?). Sinos que oscilavam havia séculos, seus códigos pairando sobre o vale, enchendo as longes léguas com fluxos alternados de ecos e zunidos, repiques e subsilêncios.

Então, e inopinado, algo a libertou, a fim de que precipitasse uma espécie de fuga. O sol reluzia no calçamento de

pés de moleque; reluzia com mais força que o de costume, quase a cegava: a sinuosidade mareada dos velhos sobrados, os beirais de valadio, calçadinhas seculares estreitíssimas, num trecho borrifadas pelo chafariz de pedra-sabão, a Casa dos Contos, a pontezinha que atravessa o Tripuí. *Ele cuidaria de mim*. Seus sentidos, porém, ainda se debatiam por sobre fronteiras errantes. Vibrações perduravam no ar, os abalos, qual meras imagens residuais de um filme projetado por velho cinematógrafo; perduravam, tão somente, desenrolavam-se em sua memória sem, no entanto, parecer pertencer à existência real. (*Não se preocupe. Não se preocupe comigo. Eu me responsabilizarei por tudo.*) Um acontecimento que não havia se perdido — as evocações são cinzas que a brisa arrasta e espalha os grúmulos pelas margens ermas.

Arfante e aterrorizada, empernou pela rua São José, o Largo da Alegria; a Dr. Getúlio Vargas abria-se à sua vista. De uma loja de discos, caixas de som dispostas de frente para a rua, vinha uma música.

*...Quero ser a cicatriz
Risonha e corrosiva
Marcada a frio
Ferro e fogo
Em carne viva...*

As cicatrizes! Cicatrizes são as marcas que as vicissitudes todas deixam impregnadas na alma.

Seria num lance conforme aquele em que o reencontraria — a Tomás? Um dia, depararia com ele descendo

uma daquelas ladeiras, ou vagueando pela Praça Tiradentes?! Ou ainda, como frequentemente seu espírito criava, subindo os ruidosos degraus da escadinha comprida e bastante inclinada de madeira envernizada, e logo se jogaria sobre o largo sofá-canapé ou se esparramaria sobre a sua cama?

AMOSTRA

VÊ AGORA ESTES RETRATOS

Arquejante, descobriu-se diante da casa assobradada. Abriu a porta, sofregamente, fechou-a em seguida e trancou-se assim que conseguiu introduzir a chave na fechadura e correr o trinco. Refugiou-se lá dentro.

Sentia-se agitada, indócil, o suor lhe banhava a testa, empapava a nuca. Aguardou, inquietamente, a vista adaptar-se à penumbra e, saltando degraus, precipitou-se escada acima. Alcançado o segundo patamar, apressou-se no rumo da janela e, em surdina, esquadrinhou a rua, a fim de verificar se fora seguida. Nada. Coisa alguma lhe atraiu a atenção; nenhum transeunte, nenhum turbilhão, nenhuma camisa vermelho-alaranjada. Não buscava por um traço característico de silhueta; não os tinha armazenados na mente. Apenas uma sinuosidade, um vulto. Não havia nada.

Retrocedeu para o meio do cômodo. A mulher de olhos cinza-claros — ou azuis-cinza —, brilhantes, atirou para longe a bolsa a tiracolo com fivelas prateadas, depositou, cautelosa, o relógio de pulso sobre a arca, como se procurasse não despertar o menor ruído, e abriu, com a mesma aplicação, a gaveta do meio: lá estava — havia reunido

todas as fotografias num único envelope. Deslizou pelo recinto, pé ante pé, os dois envelopes flexíveis de igual papel pardo, o recente e o antigo, adiante do peito.

Longo, longo momento transcorre. Repousou-os sobre a mesinha de centro, reticente e tremelicante. Na sequência, desabotoou e descerrou o fecho do blue-jeans, soltou a barriga para inspirações mais fundas, desfez-se dos tênis, atirando-os para longe — foram parar na entrada do corredor — e, pernas ainda trêmulas, deixou-se arriar sobre o canapé, voltada sobre o lado esquerdo. Encolheu as pernas; não apenas com medo, que reverberava em todos os seus fluidos, não apenas exausta, mas fragilizada, sumamente fragilizada, a respiração ofegante — não sentia o ar fazer a volta dentro dos pulmões.

Inclinou a toda pressa o tronco para diante e arrancou a blusa, permanecendo, da cintura para cima, somente de sutiã. Sacolejou, agoniada, os cabelos volumosos, agitou-os, juntou-os atrás. Enrolou-os em coque, atou-os com a presilha e segurou de novo os envelopes; abriu-os, não imediatamente, não rapidamente, como se ainda se visse tomada do mesmo e de novo assombro, e extraiu de lá o maço de fotos, as duas mais recentes por cima. Arrumou-as em leque, a seguir, ao jeito de cartas abertas de baralho, passando-as, repassando-as, voltando à anterior...

Por quê? O que haveria por trás de tudo? Definitivamente, não compreendia: de saia e uniforme do Arquidiocesano, aninhando livros e diários de classe contra o peito... Flagrada em posição posterior, numa tomada de muito,

muito perto, no máximo dois ou três metros... De vestido de elastex, presente da mãe no Natal, na Trilha do Horto... Provincianamente enfiada em agasalhos, ao fundo, a Escola de Minas — essa certamente tirada na metade de março, após um período de muitas chuvas... De saia indiana, cruzando a rua São José, o chão empedrado, a fiada do casario e o céu emoldurando-a — fazia parte da última entrega e, com segurança, recentíssima, pois tal peça de roupa havia adquirido no sábado atrasado, numa lojinha da rua das Mercês.

Procurava se recordar das circunstâncias todas, do momento e do local; datá-las, estabelecer uma espécie de cronologia que lhe trouxesse uma sombra de intenções. Por qual razão, nas vezes todas, não se dera conta?! Ergue o cenho e encontra, irrefletida, o branco da parede. Hipnotizada e maquinalmente, repõe-nas dentro de um único envelope e o larga sobre o assento do canapé.

UMA ALMA, QUAL EU TENHO, NÃO SE RECEIA A NADA

As vezes é difícil compreender. *O meu moço era um brilho; luminescência de astros! E um desfecho no qual não se teve nem o direito de sepultar o cadáver; assim sendo, a dor não foi vencida. O que é preferível? Que saibamos de tudo e padecemos as consequências da verdade plena ou que determinadas passagens permaneçam abafadas, sem um ponto-final? Uma vala comum, onde uma carcaça é lançada, ou, ao invés, um túmulo erguido em mármore, ornamentos de bronze (e, talvez, até mesmo de pedra-sabão), um relevo para jazigo contendo o nome e as inscrições das datas extremas de cada um de nós!? A ossada acamada em endereço certo e sabido ou, por outro lado, manter-se acesa a chama da esperança de que um dia...?*

Ela podia esperar, decerto podia; a paixão não se esvai com as alternâncias das estações, nem com as metamorfoses das madrugadas em alvoreceres.

O que há com você, Marília? Por que não se recordar do entreato que se seguiu à revelação, da longa pausa de hesitação? Da relutância entre a partida em definitivo e a razão justificada? **Estou grávida, Tomás**, ela soltou, quase separando sílabas dentro das palavras. Como não se recordar de sua inércia, da rigidez? Ele contraiu o cenho; seus lábios

se abriram milímetros, bem no meio. Torceu o corpo, tal qual tivesse sido varado pelo propósito de evasão (a despeito de os pés permanecerem na mesmíssima régua), ou os músculos todos apanhados por irresistível espasmo. Ela o observava, procurando interpretar cada de suas reações. **Um filho? Você... grávida?**, com lábios trêmulos, sobrece-nho franzido; em resposta, fez que sim com a cabeça. Ele correu a mão pela barba e desceu-a varrendo a mandíbula, escorando-a, ao final, sobre o pomo-de-adão.

Houve longo momento de desconcertante contem-
plação que, de tão rígido, não se poderia interpretar seu significado: o sim, o não? Quais cartas embaralhavam-se dentro dele e que poderiam, a qualquer momento, ser lançadas sobre a mesa?

Minha gravidez... De quanto tempo?, interrompeu-a (ia justamente avisá-lo de que isso não o obrigaria a nada). **Quase dois meses. Dois meses!**, ele pigarreou, abandonando, agora sim, ao mesmo tempo sua posição, rodando sobre os pés. Deixou os bíceps caírem. Nunca o vira tão... tão perturbado, tão contrafeito. Seus olhos, naturalmente vivos e agudos, se fizeram apagar. Entrelaçava nervosamente os dedos, vincos sulcavam a pele de sua testa. Fechou e descerrou as pálpebras, ao passo que as mãos prosseguiram com a mesma gesticulação obsessiva. Como não se recordar de suas reticências, sua taciturnidade, dos momentos em que, imerso nos tenebrosos conflitos, se desnudava de sua solidez?

Sei que não é a condição adequada para te comunicar, o momento ideal. Eu também me encontro mal e supo-

nho que seja fácil compreender minha situação. Ele simulou recuar passos. **Dois meses?**, repetiu, após instantes de hesitação. **Sim, dois. Já deve ter...** Ele a deteve com um aceno indefinido e, procurando os termos para o que ia ponderar, justificou-se, muito desajeitadamente, que não podia, não se via em condições... Disse frases assim, proferiu exclamações que não faziam muito sentido, revelando-se desesperadamente assustado. *Você também padece destes males, Tomás?*

Não se preocupe. Não te não exijo nada, não cobro providências de sua parte. Só te comunico a fim de que saiba. Ele evidenciava não havê-la ouvido; mencionou qualquer coisa de que existiam entraves, que talvez até necessitasse viajar, algo assim. O tom de perplexidade em sua voz mudou para outro, tomado de uma gentileza artificial e confusa.

Não tenho como explicar tudo, Marília, enquanto se mantinha numa gesticulação em que o flagrara dezenas de vezes: o polegar direito erguido contornando a boca. **Quanto menos você souber, melhor,** numa murmuração contida e fria. Aí fez uma pausa, rompida ao fim de um momento: **É a lei da guerra!** Jogou, elétrico, a franja para trás com os dedos entreabertos, sem buscar se aperceber de quais efeitos tal declaração provocou no arco dramático daquela mulher.

Você é muito misterioso! Sua expressão se fechou. **Talvez eu tenha as minhas razões, Marília,** desabafou. **Talvez...** E calou-se. **É. Talvez.** E, titubeante, inteiramente fechado em si, em meia dúzia de segundos principia

a afastar-se, numa marcha reticente, lentíssima. “Não se preocupe comigo”, ela ia realçar, contudo algo a reteve, algo sustou a voz na altura da garganta.

Lá ia o seu “estudante de família pobre”, conforme ouvira dele próprio numa espécie de advertência ou confissão, a quem entregara seu destino e seus desejos, sua substância e seus segredos. Lá ia ele, enquanto ela, em suspensão, ficava a ver desabarem os sonhos.

* * *

As recordações fragmentadas, rasgadas aos pedaços: Tomás a esperava, próximo à cantina, ao termo de sua aula. Sua mandíbula, a dela, abriu-se numa expressão de estuporação, quando alcançou o vão externo. Fitaram-se; ele fez-lhe um aceno amigável: com seu melhor sorriso, o todo de sua silhueta tomou-se de uma expressão delicada. Marília não tardaria a sentir-se cheia de esperanças; de imprevisto, ousou adiantar-se um tanto. Qual um passo de coreografia, ele também se moveu, no outro extremo (*Ele não me deixou!*), a distância infinita sendo encurtada, até se postarem bem diante dos olhos um do outro. **Veio me ver?**, sondou. **Sim, isso. Para te ver**, respondeu.

Passa-se tudo num intervalo escasso: antes mesmo de ele proferir a terceira frase, ela já o havia perdoado; afinal, Tomás regressara e isso bastava. Diante de si, havia um “Ser Humano”, pensou, lá, naquele dia. Ao final de um instante, Tomás reteve-lhe os pulsos, enlaçando seus